

Uma Descoberta
Transformadora

JOÃO VITOR M. BASTOS

Uma Descoberta Transformadora



ELOHIM

Copyright © Grupo Editorial Coerência, 2026

Copyright © João Vitor M. Bastos, 2026

Todos os direitos desta edição reservados ao Grupo Editorial Coerência.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida através de

qualquer meio existente sem a autorização prévia da editora.

DIREÇÃO EDITORIAL

Lilian Vaccaro

REVISÃO

Luana Alves

PRODUÇÃO GRÁFICA

Giovanna Vaccaro

CAPA

Paula Zettel

DIAGRAMAÇÃO

Michael Vasconcelos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Bastos, João Vitor M.

Uma descoberta transformadora / João Vitor M. Bastos –

1ª edição – São Paulo: Coerência, 2026

ISBN: 978-85-5327-323-2

CDD: 869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção brasileira 2. Drama cristão I. Título



Centro Empresarial Jaguari
Av. Marcelo Stefani, 15 - Módulo 47
Bragança Paulista - SP | 12914-490

www.editoracoerencia.com.br

*Aos que precisam de cura, fé
e esperança — que esta história lembre:
Deus ainda transforma vidas.*



*A dor pode endurecer o
coração —
ou prepará-lo
para um *milagre.**

Uma Descoberta
Transformadora

JOÃO VITOR M. BASTOS



ELOHIM



GRUPO EDITORIAL

COERÊNCIA

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus, por ter colocado este projeto em meu coração. Em muitos momentos fui tomado por Sua glória durante o processo de escrita.

Não tenho dúvidas de que o Espírito Santo foi o meu coautor nesta obra.

Aos maiores incentivadores da minha vida: Papai e Mamãe. Se hoje sou quem sou, devo tudo a vocês.

À querida Cíntia Dany, amiga escritora que me acompanha desde o início, quando esta história ainda era apenas um rascunho. Sou profundamente grato por sua amizade, incentivo e pelo prefácio tão sensível e especial que escreveu para esta obra — foi uma alegria imensa tê-la comigo também nessas páginas.

À equipe da Editora Coerência, minha sincera gratidão por terem acreditado neste projeto e ajudado a dar vida a um sonho tão significativo para mim e para tantos leitores. Em especial, à Lilian Vaccaro, por ter acolhido esta história com carinho e confiança desde o primeiro momento.

Ao Michael Vasconcelos, pelo belíssimo trabalho gráfico, e à Paula Zettel, pela capa extraordinária que você está segurando em suas mãos

Aos meus leitores beta, que com tanta dedicação e generosidade caminharam comigo durante esta jornada: Camila Peixoto, Cíntia Dany, Cristiane Batista, Juli Prado,

Rebeca Souza, Suzy Layre e Wildymara Miranda. Sou eternamente grato por cada leitura atenta e por todo feedback. Amo vocês!

E a cada amigo, leitor e seguidor da página Estante do Cristão, no Instagram, pelo apoio constante e pelo carinho de sempre: meu muito obrigado!

SUMÁRIO

Prefácio	13
Música Tema	15
Prólogo	17
Capítulo 1	25
Capítulo 2	35
Capítulo 3	45
Capítulo 4	55
Capítulo 5	63
Capítulo 6	71
Capítulo 7	79
Capítulo 8	89
Capítulo 9	97
Capítulo 10	105
Capítulo 11	111
Nota do autor	115
Devocionais para continuar a jornada	119

PREFÁCIO

Há momentos na vida em que tudo o que acreditávamos compreender sobre Deus é confrontado pelo silêncio que ecoa perguntas profundas, expõe feridas escondidas e nos obriga a olhar para dentro de nós mesmos.

Com sua escrita característica, João nos conduz por esse território delicado e profundamente humano.

Acompanhamos o Jorge, um fisioterapeuta que, ao mesmo tempo em que constrói sua própria história de amor ao lado de Lorena, passa a testemunhar as dores e as fraturas invisíveis daqueles que cruzam seu caminho. Em seu trabalho, ele conhece Marcelo, um homem marcado fisicamente por um acidente, e intimamente por uma grande perda que abalou a sua fé.

Também encontramos o Júlio, cujo coração se endureceu diante de uma oração que, aos seus olhos, nunca foi respondida. Sua dor carrega o peso de uma pergunta que muitos fazem, mas poucos têm coragem de verbalizar: *por que Deus diz não?*

Entre encontros, conversas e até nos silêncios, esta obra não apresenta respostas fáceis. Pelo contrário, ela nos convida

a perceber Deus onde raramente procuramos: *na graça que se manifesta mesmo quando não compreendemos os seus caminhos.*

Este livro não é apenas sobre fé. É sobre o processo de descobri-la. Não é apenas sobre milagres visíveis, mas sobre transformações interiores e mesmo com poucas páginas, João nos mostra como Deus coloca as pessoas certas nos momentos e lugares certos.

Que, ao percorrer estas páginas, você também seja conduzido a essa descoberta — não apenas com os olhos da leitura, mas com o coração aberto para perceber que, mesmo nos momentos mais difíceis, Deus continua transformando corações.

Cíntia Dany,
escritora de ficção cristã
@cintiadanyoliveira

MÚSICA TEMA

Aponte a câmera do seu celular e ouça
a música tema: Os Sonhos de Deus



PRÓLOGO

Sonhar com algo bom é, sem dúvida, extraordinário. Mas viver aquilo que antes habitava apenas a imaginação é ainda mais sublime. Não consigo acreditar no que se desenha diante de mim agora. Deus, com sua precisão silenciosa, sempre teve propósitos incríveis para a minha vida. E hoje, finalmente, ela se completa ao lado da mulher que escolhi amar: Lorena.

Enquanto esses pensamentos me atravessam, as vozes harmoniosas dos meus melhores amigos, Mariana e Tomaz, ecoam pelo espaço e preenchem o ar. À minha frente, o altar me separa de alguns poucos passos do que sempre desejei. Espero. Respiro. Minha querida cidade paranaense, Esplendor, parece diferente hoje — mais viva, mais bonita, como se também celebrasse comigo.

Estou nervoso? Sem dúvida. Finjo costume? Com excelência. É o meu casamento? Sim. Eu acredito nisso tudo? Acredito... e, ao mesmo tempo, ainda não.

Os estágios da faculdade de Fisioterapia me conduziram ao encontro que mudaria a minha história. Foi ali que conheci a morena mais linda daquele curso. Lembro-me com clareza do instante em que a vi e, sem qualquer filtro, deixei escapar:

— Você é real ou é apenas uma bela morena criada pela minha imaginação?

— Fica calmo, Jorge. Vai desmaiar agora? — Tom interrompe o dueto que cantava com Mariana e se aproxima de mim, tentando disfarçar o sorriso.

— Eu não estou nervoso, Tom. Só não esquece que sou eu quem está se casando primeiro. Lembrou disso? — respondo, piscando para ele e depois para Mariana.

— Você que se adiantou, meu filho — diz, rindo, antes de retornar ao piano e à música que embala a entrada dos padrinhos.

Tom sempre teve mãos feitas para o piano. Lembro-me do ano em que estudou obsessivamente para entrar no conservatório da cidade vizinha. Ainda morávamos juntos, e apenas eu conheci os extremos daquela fase. Hoje, percebo que sentirei falta até mesmo dos surtos. A volta dos pais para Esplendor foi essencial para o tratamento do TOC¹², e, apesar das mudanças, sei que nossa amizade permanece intacta. Ele é meu único amigo. E imagino, com um meio sorriso, o dia em que será ele a me procurar, aflito, em busca de conselhos sobre casamento. Que eu esteja preparado.

O sonho de Lorena sempre foi um casamento ao ar livre. Eu imaginava algo tradicional, entre paredes de igreja e vitrais antigos, mas confesso que este cenário também me encanta. Queria que ela chegasse no meu Opala reformado, mas Lorena, prática e espirituosa como é, lembrou-me de que já teria que conviver com ele pelo resto da vida ao meu lado. Preferiu chegar

de charrete. E lá fui eu, travando batalhas silenciosas para conseguir uma. O que não fazemos por amor?

O sol, como se obedecesse a um roteiro invisível, suaviza seu brilho, tornando o ambiente acolhedor. Estamos em uma fazenda reservada de Esplendor, afastada da cidade, quase tocando os limites de Campo Largo, onde Tomaz e Mariana estudam música.

Um arco de flores de cerejeira marca a entrada. O tapete vermelho se estende como um convite solene. Amigos e familiares se levantam em uníssono. Viro-me para a esquerda e vejo Tom iniciar a Marcha Nupcial. Ele me lança um discreto sinal de confirmação. O suor escorre por dentro do meu blazer prateado, denunciando o turbilhão que carrego no peito.

Estou me casando. É real. Aos vinte e cinco anos. Não há mais retorno.

A charrete branca, envolta por delicadas flores rosadas, provoca suspiros contidos entre os convidados. Então, ela surge.

Meu sogro aparece sob o arco de flores e, ao seu lado, caminha a mulher mais linda que já existiu. Lorena. Morena, olhos cor de mel, estatura serena e um brilho no olhar que não se explica — apenas se sente. A cada passo que ela dá, o meu futuro se aproxima.

O senhor Manoel entrega sua filha a mim com um aperto de mão firme e silencioso. Em seguida, senta-se ao lado da senhora Branca. Tudo acontece rápido demais. E lento demais.

— Você é real ou continua sendo uma bela morena? — sussurro, incapaz de conter o sorriso.

— E você ainda queria que eu chegasse no Opala, meu amor?
— responde, divertida, fazendo-me rir junto com ela.

Enquanto minha sogra ajeita o vestido branco, penso em como Deus foi generoso comigo. Lorena tem princípios, compartilha sonhos comigo e ainda encontra graça nas minhas piadas sem sentido. Há algo de divino nisso tudo. Sempre houve.

— Eu os declaro marido e mulher. Jorge, pode beijar a noiva
— anuncia o pastor Silas, lançando-me um olhar sério, como quem pede compostura.

Ignoro o pedido silencioso. Pisco para ele e beijo Lorena, selando aquilo que já era eterno dentro de mim.

Aplausos. Assobios. Vozes emocionadas. Então, o inesperado.

Um grito corta o ar, vindo do portão da fazenda.

— AJUDA! AJUDA, POR FAVOR!

É o zelador. Um acidente. Um carro. Um corpo lançado para fora.

Tom e eu corremos. A cena é dura. Um jovem, alcoolizado, perdeu o controle na curva que dá acesso à cidade. O carro está retorcido, apoiado na porteira. O homem sangra, mas respira.

— Consegue me ouvir? Consegue se sentar? — perguntamos, enquanto o acomodamos junto a um tronco.

— Mi... nha... espo... sa... — ele murmura. — Ela não me aguenta mais...

A dor daquelas palavras pesa mais do que o sangue. O álcool, mais uma vez, roubando lares, histórias, futuros.

A sirene da ambulância se aproxima. Seguro sua atenção por alguns segundos e digo:

— Não desista. Deus pode te transformar. Ele pode restaurar o seu lar. Entregue sua vida a Ele. Ele não abandona. Ele reconstrói.

Enquanto o levam, algo ecoa dentro de mim. Uma voz suave, porém, firme, sussurra que aquele encontro não foi um acaso — e que a história daquele homem, de alguma forma, ainda se entrelaçaria à minha.

CAPÍTULO 1

JORGE

Quatro meses depois

— Senhor Jorge? Pode me acompanhar, por favor?

A voz feminina ecoa na recepção do Hospital Público de Esplendor — o único e minúsculo hospital da cidade.

Dou uma última olhada no celular, respondo à mensagem de Lorena me desejando boa sorte na entrevista e sigo a moça de jaleco verde pelos corredores estreitos.

— Boa tarde, senhor Jorge. Meu nome é Michelle e sou a responsável pelo setor de Fisioterapia do hospital — diz ela, com um sorriso profissional. — Recebi seu currículo por indicação da sua esposa. Estamos precisando de um profissional para atuar no período da manhã, na ala do SUS. O que o senhor acha?

Enquanto escuto aquelas palavras, mal consigo acreditar. Meu primeiro emprego como fisioterapeuta parece estar se concretizando diante de mim.

— Claro. Seria uma honra imensa fazer parte da equipe. Estou totalmente à disposição — respondo, tentando controlar o nervosismo.

Percebo minha perna esquerda batendo incessantemente na cadeira. Penso imediatamente no Tom. *Quem tem TOC² é ele, não eu...* ou pelo menos não deveria ser.

— Ótimo. Vou encaminhá-lo ao setor de Recursos Humanos para assinar e preencher a documentação necessária. Amanhã o senhor já pode retornar para receber as orientações iniciais com o Júlio, o fisioterapeuta que irá auxiliá-lo. Tudo bem?

Nesse momento, tudo o que consigo fazer é erguer o olhar e agradecer silenciosamente a Deus. Lorena e eu estamos casados há quatro meses e, até então, eu ainda não tinha um emprego fixo. Atendia alguns conhecidos em casa, mas a segurança de um trabalho formal fazia falta. Lorena trabalha na ala particular do hospital e, ao saber da vaga, não hesitou em me indicar.

— Meu amooooor! Eu consegui! — digo assim que chego em casa, abraçando Lorena e rodopiando com ela no colo pelo apartamento.

— Eu sabia! Glória a Deus, meu bem! — ela exclama, sorrindo.
— Estava em oração enquanto você estava lá. Quando começa?

— Amanhã cedo. Vou passar por uma espécie de treinamento com um tal de Júlio — respondo, revirando os olhos como se aquilo fosse completamente desnecessário.

— Seja simpático e se controle com as piadas sem graça, combinado? — ela diz, semicerrando os olhos com aquele tom de quem sempre tem razão.

2. Transtorno Obsessivo Compulsivo

— Só você acha minhas piadas sem graça, Lorena. E o Tom...
— retruco, rindo. — Inclusive, preciso ligar para contar isso a ele.

— Alô? — atende uma voz do outro lado.

— Como assim “alô”? Você sabe muito bem que sou eu, rapaz.

Tom adora implicar comigo. Às vezes, parece até que convive comigo tempo demais.

— Conseguiu o emprego? Lorena comentou que você foi ao hospital. E aí? — pergunta, com a respiração de quem acabou de se acomodar para uma longa conversa.

— Consegui, cara! Começo amanhã. Acredita que vou ter um supervisor? Só porque me formei agora... ninguém merece.

— Para com isso, Jorge. Aproveita a oportunidade. E vê se não conta piadas sem graça. Ah, e não esquece da nossa missão: falar de Jesus por onde passar.

Consigo sentir o orgulho na voz dele.

— Até você? Já basta a Lorena... Vocês ainda vão se arrepender quando eu ficar famoso e aparecer no programa do Raul Santos — digo, tentando conter o riso.

— Silvio Santos, doido! — ele corrige, rindo.

— Tanto faz. Aliás, vamos almoçar juntos no sábado? Nós quatro?

— Combinado. Falo com a Ma e acertamos tudo com a Lorena.

— Fechado. Vou revisar alguns conteúdos de exercícios para amanhã.

Desligo a ligação com um sorriso no rosto.



O dia tão esperado chega. Acordo cedo, faço o culto matinal com minha linda morena e me preparo para sair. Prendo no bolso frontal do jaleco um broche retangular de metal com a frase: “Filho do Deus vivo”. Organizo minha maleta com estetoscópio, termômetro, elásticos para exercícios, *martelo de Buck* e outros materiais que considero essenciais.

— Como está o fisioterapeuta mais lindo que eu conheço? O café está na mesa — diz Lorena, da cozinha.

— Não mais lindo que minha esposa — respondo, beijando seu rosto. — Estou ansioso, sim. Mas muito empolgado com essa oportunidade. E ainda vamos juntos para o hospital.

— Vai dar tudo certo. Qualquer coisa, me manda mensagem. Almoçamos juntos depois.

Assinto enquanto ela passa creme de ricota em uma fatia de pão artesanal. Saímos de casa no Opala prata, claro. Lorena implica com o carro, mas sei que é só para me provocar. No fundo, ela o ama tanto quanto eu.

No hospital, acompanho minha esposa até a ala particular e sigo para encontrar Júlio.

— Jorge! Você é o novo colega do setor? — diz um homem de cerca de quarenta anos, cabelos curtos e olhos escuros, acenando da recepção. — Pode colocar o jaleco e me acompanhar até a sala de reabilitação.

— Sou eu mesmo. É um prazer estar aqui com você e...

— Filho do... Deus... — ele interrompe, inclinando a cabeça para ler o broche no meu bolso.

— Filho do Deus vivo — completo, percebendo a ironia em seu tom.

— Ah, você é cristão? Eu já fui — responde, enquanto caminha à frente.

— E por que não é mais? — pergunto, tentando puxar assunto.

— Isso fica para outro momento — corta, sem rodeios. — Vou te explicar nossa rotina. Ah, e é importante evitar assuntos religiosos com os pacientes durante as sessões, ok?

Oi, amor. Não vou conseguir almoçar com você hoje. Surgiu um atendimento de urgência. Nos vemos em casa. Amo você.

Oi, meu bem. Aqui não foi tão empolgante quanto aí, mas amanhã promete. Depois conversamos. Vou ver se encontro o Tom na Rádio Café.

Compra um cappuccino vegano e deixa na geladeira pra mim.

Cappuccino vegano? Me poupe...

Kkkkk. Só compra. Beijos!

Enquanto ele me apresenta a sala e os equipamentos, aquelas palavras ecoam em minha mente. Evitar assuntos religiosos. Discordo em silêncio. Sempre acreditei que, como servo do Deus vivo, devo falar do amor d'Ele em qualquer lugar. Faça sol ou faça chuva. E Júlio, queira ou não, ainda ouviria muito sobre Jesus.

Ele me leva até uma pequena sala de atendimento.

— Aqui na ala pública, atuamos principalmente na ortopedia. Recebemos formulários com as orientações médicas, fazemos a avaliação física e iniciamos o tratamento. Alguma dúvida?

Ele fala rápido, com o olhar de quem enxerga um estagiário à sua frente.

— Nenhuma. Só não vi pacientes na recepção. Eles ainda vão chegar?

— Aqui é SUS, Jorge. Existe lista de espera. Hoje não teremos atendimentos. À tarde, quatro pacientes fazem reabilitação, e amanhã começaremos com um rapaz que sofreu um acidente.

Minha expectativa de atender dezenas de pessoas desmorona silenciosamente.

— Hoje você pode revisar prontuários antigos, conhecer os equipamentos e tirar dúvidas.

Depois de circular pelo setor, resolvo olhar a ficha do paciente que chegaria no dia seguinte. Marcelo de Jesus. Algo me chama

atenção ao ler sua anamnese. Na pergunta sobre gosto musical, estava escrito: “Qualquer uma que não tenha Deus no meio.”

Fico imóvel. Que contradição, penso.

— Jorge, você já pode ir. Amanhã nos vemos novamente — diz Júlio, surgindo à minha frente. — Se quiser, podemos almoçar juntos algum dia.

— Vou ficar te devendo. Combinei com minha esposa — respondo, já checando o celular.



A Rádio Café é a cafeteria mais popular da cidade, localizada no shopping, perto do hospital da cidade. O ambiente vintage e musical atrai todo tipo de gente — e, claro, Tom. Decido almoçar lá.

E lá está ele, como esperado, cercado de partituras.

— Donuts no almoço? — arqueio a sobancelha.

— Jorge! É sobremesa! Já almocei — responde, fechando as pastas. — O que você está fazendo aqui?

— A cafeteria é pública, não é? — gargalho.

— Como foi no hospital?

— Nada de pacientes. SUS funciona por lista de espera e parece que eles enrolam um pouco o atendimento especializado. Amanhã chega um rapaz que sofreu um acidente. Na ficha diz que ele não gosta de nenhuma música que envolva Deus.

Tom franze a testa.

— E o que música tem a ver com isso?

— Faz parte da anamnese.

— Entendi... acho que esse aí vai ser difícil de evangelizar

— diz, rindo. — Mas pergunta o porquê da música.

— Vamos ver.

Ficamos ali, conversando amenidades. Sobre o hospital.
Sobre Júlio. Sobre a vida.

E, sem que eu soubesse ainda, sobre o início de algo muito maior do que eu poderia imaginar.